

O Armário nos Gramados: Revisão de Estudos sobre Homossexualidade no Futebol

PEDRO HENRIQUE JESUS OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

CARLOS AUGUSTO ALVES DE SOUSA JÚNIOR

DIEGO COSTA MENDES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

O Armário nos Gramados: Revisão de Estudos sobre Homossexualidade no Futebol

Introdução

No Brasil, o futebol, assim como a música e o carnaval, é considerado como um fenômeno social, cultural e simbólico de grande magnitude. Desde a sua popularização no início do século XX (Mascarenhas, 2012), o futebol tornou-se parte da identidade nacional, projetando-se como um espaço de paixão coletiva, de construção de narrativas sobre raça, gênero e classe, e de produção de imaginários sociais sobre o que significa "ser brasileiro" (DaMatta, 1982; Helal, 2001).

O fato do Brasil ser o único país a ser pentacampeão mundial contribui de forma enfática para o crescimento da paixão pelo esporte. Entretanto, acima da superfície festiva e integradora atribuída ao esporte, volta e meia práticas discriminatórias como o racismo e a homofobia reproduzem desigualdades históricas (Almeida; Da Silva Soares, 2012; Sampaio; Mota, 2024). Este artigo se debruçará especificamente sobre a marginalização de identidades sexuais dissidentes.

Embora o esporte contemporâneo esteja aos poucos aderindo ao discurso da diversidade e da inclusão - como, por exemplo, clubes de futebol promovendo campanhas no dia nacional do orgulho gay (Nascimento, 2025) -, o ambiente futebolístico ainda se mostra resistente a aceitar publicamente jogadores e técnicos LGBTQIAPN+ (Toledo, 2012; Goellner, 2005). O silêncio em torno das orientações não heterossexuais no futebol não é um acaso, mas sim parte de uma estrutura social que associa o desempenho esportivo de alto rendimento a padrões tradicionais de masculinidade, fortemente heteronormativos. Essa associação é reforçada por torcidas, mídia e instituições esportivas que, muitas vezes, reproduzem códigos de comportamento que deslegitimam expressões de identidade sexual fora do padrão heterossexual (Pereira, 2019).

No futebol, a masculinidade hegemônica se manifesta como um ideal de virilidade, força e dominação, construído historicamente para excluir ou marginalizar qualquer expressão de identidade que fuja à norma heterossexual e cisgênero. Essa masculinidade não apenas celebra atributos considerados "masculinos" de forma naturalizada, mas também opera como um mecanismo de vigilância e controle, sancionando comportamentos desviantes e legitimando práticas homofóbicas dentro e fora de campo. Assim, a homofobia no futebol não é um fenômeno isolado ou acidental, mas uma expressão estruturante dessa ordem simbólica que reforça fronteiras rígidas de gênero e sexualidade. Compreender essa dinâmica é fundamental para analisar como discursos e práticas esportivas participam da manutenção da heteronormatividade e para fundamentar, teoricamente, a necessidade de abordagens críticas como a teoria queer.

Estudos mostram que expressões explícitas de homofobia no futebol continuam a ser normais, como cantos pejorativos dirigidos a jogadores e árbitros, permanecem comuns, ainda que existam campanhas institucionais contra o preconceito (Carrara; Vianna, 2006; Bandeira; Seffner, 2013; Toledo, 2012; Helal, 2015). Para além da reprodução discursiva do preconceito via comunicação, a homofobia no futebol é estrutural e silenciosa: é praticamente ausente a existência de jogadores assumidamente homossexuais nos principais campeonatos e séries do futebol profissional brasileiro, o temor de rejeição por patrocinadores e o receio de retaliações por parte da mídia e dos torcedores formam um ciclo de invisibilidade que reafirma a norma heterossexual como o padrão desejável dentro deste esporte (Machado, 2018).

A relação entre futebol e homofobia também deve ser entendida no contexto mais amplo da história das masculinidades no Brasil. Desde os primeiros anos da profissionalização do futebol, nos anos 1930, a virilidade, a coragem física e a resistência

emocional foram valores centrais na formação do ideal do jogador brasileiro (Moura, 2003; Magrath, 2018). Ser associado a qualquer comportamento considerado "afeminado" era, e em muitos casos ainda é, interpretado como sinal de fraqueza moral e física, incompatível com o *ethos* do esporte competitivo. Por exemplo, o ex-jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, que atualmente atua como comentarista esportivo, é conhecido nesse contexto, visto que, desde 2005, especulações acerca de sua orientação sexual foram e são levantadas por torcedores, dirigentes e pela mídia (Camargo, 2018).

Todavia, existe um movimento de (r)existência no futebol contrário aos mecanismos de exclusão que impedem homens gays de vivenciar e praticar o esporte, buscando incluí-los no ambiente futebolístico, que culminam no advento dos clubes e ligas de futebol gay. Nesse contexto, se tratam-se de equipes futebolísticas que são formadas por gays visando adentrar no meio do futebol e também como forma de mostrar pertencimento à comunidade gay (Willis, 2015).

Neste sentido, investigar a homossexualidade no futebol brasileiro implica não apenas documentar práticas de discriminação, mas também analisar como discursos de gênero, sexualidade e poder são (re)produzidos e contestados no espaço esportivo. A literatura acadêmica sobre o tema, embora relativamente recente e ainda em expansão, tem revelado importantes avanços analíticos, abordando questões como o silenciamento das identidades LGBTQIAPN+, a resistência política através de torcidas inclusivas, e a construção midiática da masculinidade no futebol.

Assim, este artigo tem como objetivo identificar as principais abordagens teóricas e analíticas em torno da temática sobre a homossexualidade no futebol, a partir das produções acadêmicas e documentais brasileiras. Esta revisão de literatura propõe-se a sistematizar as principais abordagens teóricas sobre a homossexualidade no futebol brasileiro. Ao realizar essa investigação/mapeamento, busca-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o esporte como campo de disputas simbólicas, onde se travam lutas pela ampliação dos direitos, pela visibilidade e pela transformação dos modos de ser e de existir no futebol e na sociedade.

Referencial Teórico

O futebol é tido como uma paixão nacional desde o século XX, e o Brasil ser chamado de “o país do futebol” não é por acaso (Balzano; Da Silva, 2018). Todavia, no mesmo instante em que esse esporte é apresentado como símbolo de diversidade — seja pela mistura de classes sociais, raças e regiões —, também reproduz práticas de exclusão e opressão, entre elas o racismo, o machismo e, sobretudo, a marginalização de identidades sexuais não normativas. Assim, a homossexualidade, embora presente, é constantemente empurrada para um “segundo plano”, invisibilizada ou tratada como tabu em clubes, arquibancadas e coberturas midiáticas esportivas. Isso evidencia uma tensão entre o discurso celebratório da diversidade e a prática cotidiana da masculinidade hegemônica no futebol.

Nesse aspecto, é essencial compreender a homossexualidade não como uma expressão natural ou fixa, mas como uma construção social historicamente situada. Conforme Michel Foucault (1988) argumenta em *A História da Sexualidade*, a sexualidade é produzida por discursos institucionais, científicos e morais que regulam os corpos e os desejos, inserindo-os em relações de poder. No contexto esportivo, esses discursos atuam de forma a reforçar normas heteronormativas e a delimitar o que pode ou não ser visível ou aceitável. Assim, o futebol, enquanto prática cultural massiva, contribui para consolidar o imaginário de que a heterossexualidade é a única orientação legítima dentro de seus limites simbólicos e sociais.

Esse enquadramento também é evidenciado nas análises de Connell (1995), ao apresentar o conceito de masculinidade hegemônica, que define padrões de

comportamento associados à virilidade, dominação e heterossexualidade compulsória. O futebol, nesse cenário, torna-se um dos palcos privilegiados para a reprodução desse ideal de masculinidade, servindo como um espaço de socialização onde expressões de afeto entre homens são reguladas e constantemente policiadas para não transgredirem os limites da heteronormatividade (Anderson, 2009).

Além disso, estudos de autoras como Goellner (2005) e Simões (2014) apontam que o silêncio sobre a homossexualidade no futebol brasileiro não se deve à ausência de jogadores ou torcedores LGBTQIA+, mas sim à construção de um ambiente simbólico que associa homossexualidade à fraqueza, ao desvio e à perda de prestígio. Isso gera um clima de repressão e censura velada, no qual o se assumir gay é visto como ameaça à imagem viril do atleta, à unidade do time e ao apoio da torcida.

Conforme aponta Pereira (2018), o futebol também é um importante espaço de disputa simbólica, no qual se travam batalhas por reconhecimento, pertencimento e legitimação de identidades. A resistência em reconhecer abertamente a existência de sujeitos LGBTQIA+ nesse campo está profundamente ligada à manutenção de estruturas de poder que dependem da exclusão do “outro” para afirmar a norma. No mesmo sentido, Butler (1990) sustenta que o gênero e a opção sexual são movimentos sociais, repetidos e normalizados a ponto de parecerem naturais. Como exemplo, no futebol essa tal performance é ampliada, visto que é esperado dos jogadores não somente desempenho e habilidade futebolística, mas também performance e performatividade.

O debate sobre performance no esporte tem sido explorado como um fenômeno que vai além da técnica esportiva, envolvendo construções sociais de masculinidade e heterossexualidade. O autor Eric Dunning (1999) introduziu a ideia de que o futebol acontece dentro de um espaço de reforço da virilidade e do controle emocional masculino. Para Goffman (1959), a performance é a forma como o indivíduo se apresenta e busca transmitir sua imagem para o outro, baseado no que pode ou não pode fazer.

Um indivíduo que performa é um indivíduo que, por várias vezes, fez a mesma coisa. Essa repetição advém de normas culturais e sociais que administram a sociedade através do discurso e por meio do poder a ele vinculado (Borba, 2014). No futebol, a performance está constantemente sob vigilância simbólica e social. Gestos, falas, expressões emocionais e até mesmo a forma de comemorar gols são interpretados dentro de um marco normativo que associa masculinidade à força, ao controle e à heterossexualidade compulsória (Pronger, 1990; Messner, 2002).

Judith Butler (1990) propõe o conceito de performatividade de gênero para afirmar que o gênero e a sexualidade são produzidos por meio de repetições discursivas e corporais. Aplicada ao futebol, esse conceito nos permite compreender que o corpo do jogador gay, ao subverter essas normas, torna-se alvo de exclusão simbólica e real. Ademais, estudos contemporâneos ampliaram essa abordagem, analisando como o corpo do jogador é também um corpo politicamente regulado (Brito, 2021). Essa performance é constantemente fiscalizada pela mídia esportiva, pela torcida e pelas instituições, tornando o campo esportivo um espaço de normatização comportamental, onde manifestações de afeto, vaidade ou sensibilidade são frequentemente colocadas como uma barreira, reprimidas ou ridicularizadas.

Já a performatividade, desenvolvida por Judith Butler (1990), tem sido cada vez mais utilizada por pesquisadores para analisar como os papéis de gênero e sexualidade são reproduzidos de forma normativa no futebol. Segundo João Nery (2012) e Berenice Bento (2006), a performatividade de gênero no esporte se expressa em atos cotidianos que reforçam a heteronormatividade, como piadas homofóbicas nos vestiários, exclusão de jogadores LGBTQIA+ e discursos públicos de reforço da "masculinidade verdadeira".

Não é incomum no futebol a torcida entoar cantos homofóbicos contra os jogadores do time adversário, sobretudo os goleiros quando cobram o tiro de meta.

Pode ser dito que a performatividade é um pódio que tende a premiar e rechaçar aqueles que nela estão inseridos e ratificam o poder através da ação performática. Estudos recentes como o de Machado (2018) mostram que o futebol continua sendo um dos últimos bastiões da masculinidade tóxica, ainda resistente a mudanças significativas em relação à diversidade sexual. No entanto, essas mesmas práticas performativas também oferecem brechas para resistência e subversão.

Esses aspectos discutidos até aqui podem ser vinculados a imagem de uma masculinidade heteronormativa. A heteronormatividade se apresenta como uma das bases das organizações sociais na contemporaneidade, definindo o que é considerado aceitável quando se fala de identidade de gênero e orientação sexual. O reconhecimento heteronormativo opera como um sistema que estabelece um modelo normativo a ser seguido na sociedade, por meio da institucionalização de normas que abrangem as esferas social, política, jurídica e econômica (Souza; Pereira, 2013; Warner, 1991). Esse modelo consagra a heterossexualidade como padrão normativo, ao mesmo tempo em que invisibiliza, marginaliza ou exclui identidades homossexuais e bissexuais (Oliveira 2013). Assim, o padrão hegemônico passa a regular os comportamentos sociais, à medida que incorpora as normas heteronormativas ao cotidiano e às práticas sociais (Higashi, 2016).

Observar o futebol sob a lente da heteronormatividade permite entender como esse esporte reproduz e, por vezes, tensiona padrões sociais mais amplos de exclusão e reconhecimento. O futebol, marcado historicamente por uma cultura machista e virilista, reforça constantemente esse padrão ao naturalizar comportamentos, discursos e representações que vinculam o esporte à masculinidade hegemônica. Nesse cenário, a heteronormatividade não apenas define o que é considerado "normal", mas também marginaliza e silencia qualquer identidade sexual e de gênero que fuja dessa norma (Pereira; Lima, 2016).

No campo empírico, Anderson (2002) teve como objeto de pesquisa os jogadores de futebol universitário nos Estados Unidos. O autor destacou que a homofobia é estrutural e que é internalizada desde a infância porque o esporte é utilizado como espaço de promulgação da masculinidade. A pesquisa ainda aponta que comportamentos considerados "femininos", como expressões de sensibilidade, são frequentemente ridicularizados. Já Cleland (2015), aponta que um dos principais fatores que levam jogadores gays a omitirem sua orientação sexual é o medo de serem rejeitados pela torcida, da mídia e dos próprios colegas de trabalho, reforçando assim, padrões de heteronormatividade.

Outro aspecto importante ao se relacionar a homossexualidade é a Teoria Queer. Essa teoria fornece aportes fundamentais de recusa à noção de e identidades sexuais e de gênero como categorias fixas, naturais e imutáveis. Como argumenta Eve Kosofsky Sedgwick (1990), os marcadores de heterossexualidade e homossexualidade não são identidades estáveis, mas construções históricas, atravessadas por regimes de poder que buscam manter hierarquias e fronteiras claras.

Judith Butler (1990; 1993) aprofunda essa crítica ao mostrar que gênero e sexualidade são performativos, efeitos de repetições normativas que naturalizam categorias binárias como masculino/feminino e heterossexual/homossexual. No futebol, essas normas se reproduzem em rituais de equipe, vestiários, discursos midiáticos e expectativas de conduta viril, produzindo um regime disciplinar que regula como os corpos masculinos devem agir, competir e até mesmo expressar emoções (Anderson, 2009; Pronger, 1990).

A crítica queer evidencia que essas fronteiras não são "naturais", mas passíveis de fissuras e contestação. Por exemplo, Pronger (1990) argumenta que o esporte competitivo cria um ambiente de hipermasculinidade que simultaneamente homoerotiza e homofobiza o contato físico entre homens, mostrando contradições na forma como a homossexualidade é produzida como "outro" indesejável. Eric Anderson (2009) também mostra como atletas em contextos menos homofóbicos desenvolvem formas de masculinidade inclusiva, desestabilizando a ideia de uma masculinidade esportiva única e heteronormativa.

Além disso, práticas de resistência como clubes inclusivos e torcidas LGBTQIA+ demonstram possibilidades de subversão das normas hegemônicas. Elas tornam visíveis identidades e expressões de gênero e sexualidade que escapam à lógica binária e abrem espaços para novas formas de pertencimento no futebol (Cleland, 2015; Willis, 2015).

Dessa forma, a teoria queer oferece ferramentas para desnaturalizar a associação entre competência esportiva e heterossexualidade compulsória. Ela não apenas denuncia o preconceito contra jogadores gays, mas também questiona o próprio sistema de exclusão que exige identidades estáveis para legitimar quem pode ou não "pertencer" ao futebol.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa visa identificar na literatura acadêmica os principais temas e abordagens que circunscrevem a homossexualidade no futebol. A condução dessa investigação foi alicerçada no método de revisão integrativa proposto por Botelho, Cunha e Macedo (2011), modelo esse que possibilita a síntese e análise do conhecimento científico a partir da consecução de seis etapas, conforme apresentado pela Figura 1:

Figura 1 - Etapas para realização da revisão sistemática



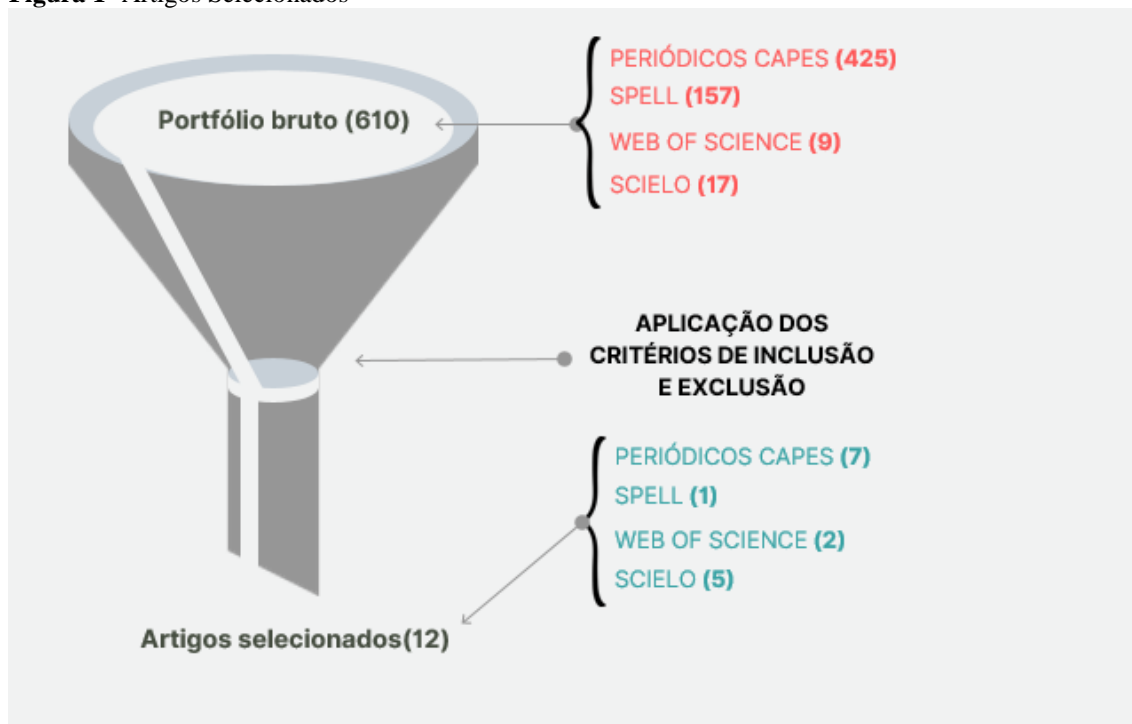
Fonte: Adaptado de Botelho, Cunha e Macedo (2011)

Na primeira etapa, identificou-se a temática da homossexualidade no futebol enquanto lacuna de pesquisa. Assim, foram selecionados os descritores "homossexualidade", "homossexual", "gay" e "Futebol", sem delimitação temporal no intuito de verificar como essa discussão emergiu e evoluiu ao longo dos anos. Adicionalmente, foram selecionadas as bases Periódicos Capes, *Spell*, *Scielo* e *Web of Science* para realização da busca.

A partir da busca preliminar com os descritores nas plataformas selecionadas, obteve-se um portfólio bruto de 610 artigos. Conforme prelecionado na etapa 2 do modelo, foram adotados critérios de inclusão e exclusão para refinar a busca e selecionar os artigos mais aderentes ao escopo da pesquisa. Nesse sentido, foram selecionados os

artigos disponíveis na íntegra, revisados por pares e que versam diretamente sobre a temática da homossexualidade no futebol e o período considerado de 2015 a 2025. A Figura 1 evidencia o processo de artigos encontrados e os artigos selecionados para a revisão:

Figura 1- Artigos Selecionados



Fonte: Dados da Pesquisa.

Por outro lado, foram desconsiderados os artigos duplicados, não disponíveis na íntegra e que não tenham como foco principal a discussão dos construtos selecionados. Após a definição desses critérios, foi realizada a leitura dos resumos e palavras-chave no intuito de verificar a aderência dos textos pré-selecionados, conforme a terceira etapa do modelo. Uma vez finalizado esse processo, foi possível obter 12 artigos selecionados que conformaram o corpus textual da revisão. Na quarta etapa, foi feita a leitura na íntegra dos textos selecionados, selecionando pontos de interseção e divergência a fim de estabelecer categorias analíticas. Para auxiliar nesse processo de categorização, também foi realizada uma análise dos léxicos mais recorrentes ao longo da coletânea, com auxílio da ferramenta visual da nuvem de palavras.

Figura 1 - Palavras mais recorrentes



Fonte: Dados da Pesquisa.

Por fim, a discussão e apresentação dos resultados, conforme as duas últimas etapas do modelo, são apresentadas nos tópicos a seguir.

Resultados

A operacionalização da metodologia resultou em 12 artigos que atendem todos os requisitos fixados. A Tabela 2 apresenta os artigos selecionados:

Tabela 1 - Artigos selecionados para a discussão

Ano	Título	Revista	Autores
2015	Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais	Revista de Educação PUC-Campinas	Vagner Matias Prados; Arilda Inês Miranda Ribeiro
2015	Futebol no banco dos réus: o caso da homofobia	Revista Movimento	Marco Bettine Almeida Alessandro da Silva Soares
2015	Gays e Lésbicas no Esporte. Discurso de universitários sobre sua aceitação	Revista Movimento	Piedra Joaquim
2015	Soccer and homosexuality: The conflicts that lie within the affective game of the coach-adolescent athlete relationship	Motriz: Revista de Educação Física	Altair Moioli; Afonso Antônio Machado; Marcelo Gallegari Zanetti; Debra Frances Campbell; Antônio Rui Gomes
2015	Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol	Revista Psicologia & Sociedade	Annelyse Pereira; André Alfaia; Luana Souza; Tiago Lima
2016	“O choro do capitão”: notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional	Revista Movimento	João Paulo Fernandes Soares; Ludmila Mourão; Igor Chagas Monteiro; Doiara Silva Santos
2018	O armário da sexualidade no mundo esportivo	Revista Estudos Feministas	Wagner Xavier de Camargo
2019	O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho	Cadernos Ebap	Romulo Fernando Lemos Gomes; Bruno Félix
2020	Vão achar que É uma Piada, mas, para nós, não!: Discursos de Resistência em Clubes Brasileiros de Futebol Gay	Cadernos Ebap	Gustavo Henrique Carvalho de Castro Marcus Vinicius Soares Siqueira
2021	Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios	Revista Estudos Feministas	Luiza Aguiar dos Anjos
2021	Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades	Revista Galáxia	Carlos Magno Camargos Mendonça, Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça,
2022	Close certo na telona: o futebol gay e os festivais de cinema como elementos na luta contra a homofobia	Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual,	Carlos Jorge Vogel

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 2 evidencia pontos importantes e que merecem ser percorridos. A análise descritiva dos 12 artigos selecionados para esta revisão evidencia um padrão de distribuição temporal com clara concentração no ano de 2015, que reúne cinco dos trabalhos (41% do total). Esse pico indica um momento de maior atenção acadêmica ao tema da homossexualidade no esporte e no futebol, associado a um contexto social mais amplo de debate sobre direitos LGBT no Brasil, como a consolidação da união homoafetiva no STF em 2011 e o fortalecimento de pautas sobre diversidade nos anos seguintes. Em contraste, nota-se uma redução das publicações nos anos subsequentes, com apenas um ou dois artigos por ano de 2016 a 2022. Esse padrão sugere que, embora tenha havido um surto inicial de interesse, o tema ainda sofre de descontinuidade como agenda prioritária de pesquisa acadêmica no Brasil.

Em relação aos periódicos, observa-se uma distribuição que revela a natureza interdisciplinar do tema. Destacam-se revistas especializadas em educação física e esporte, como *Revista Movimento*, *Motriz: Revista de Educação Física* e *Revista Psicologia & Sociedade*, que concentram os estudos mais diretamente voltados para a análise do futebol como prática institucionalizada e reprodutora de normas de gênero. Outras publicações como *Revista Estudos Feministas*, *Revista Galáxia e Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual* ampliam o escopo teórico ao inserir o debate em marcos pós-estruturalistas, culturais e da teoria queer. Essa diversidade de veículos demonstra a relevância do tema em diferentes campos, mas também evidencia a fragmentação dos debates e a necessidade de consolidar diálogos mais transversais entre as áreas.

As abordagens temáticas dos artigos evidenciam tanto análises estruturais sobre o papel do futebol na reprodução da heteronormatividade quanto investigações mais finas sobre experiências de resistência e subversão. Os trabalhos se dividem entre estudos que investigam dispositivos de exclusão — como cantos homofóbicos em torcidas (Mendonça et al., 2021), discursos pedagógicos na educação física (Prados; Ribeiro, 2015) e processos de normalização de masculinidades (Soares et al., 2016 com “O Choro do Capitão”), e pesquisas voltadas para experiências subjetivas e práticas de resistência, como a saída do armário em clubes de futebol gay (Castro; Siqueira, 2020) ou o impacto cultural de festivais de cinema (Vogel, 2022). Essa diversidade de enfoques reforça a complexidade do tema, reconhecendo o futebol como um espaço social central para investigar as tensões entre heteronormatividade e diversidade sexual.

A literatura reunida também revela avanços teóricos importantes, notadamente na incorporação de referenciais da teoria queer e dos estudos de gênero para analisar a produção e reprodução de normas no futebol. A presença de artigos em revistas como *Revista Estudos Feministas* indica uma articulação mais crítica e reflexiva sobre os mecanismos de invisibilização e exclusão, desnaturalizando discursos sobre masculinidade hegemônica (Connell, 1995; Butler, 1990). O estudo “O Choro do Capitão” (Soares et al., 2016) se destaca por abordar a performatividade de gênero no futebol profissional, contribuindo para revelar contradições internas na construção da masculinidade esportiva e mostrando como até gestos emocionalmente “proibidos” (como o choro) são politizados, normatizados e regulados.

Por fim, a análise dessa produção científica indica avanços relevantes, mas também lacunas persistentes. A concentração de artigos em 2015 evidencia uma atenção pontual, enquanto os anos seguintes mostram produção irregular. A diversidade de revistas e enfoques evidencia a relevância interdisciplinar do tema, mas também aponta para a necessidade de maior articulação teórica e metodológica entre as áreas. Falta ainda um corpo robusto de estudos comparativos ou etnográficos de longo prazo que investiguem transformações culturais no esporte. Consolidar essa agenda de pesquisa é

essencial para compreender as dinâmicas de exclusão e para promover a efetiva inclusão de identidades LGBTQIA+ no futebol brasileiro.

Discussão dos artigos selecionados

A análise dos artigos selecionados evidencia a relevância da teoria queer como lente crítica para desestabilizar as normas heteronormativas que estruturam o futebol enquanto prática social e cultural. Inspirada em autoras como Judith Butler, a teoria queer rejeita explicações essencialistas e destaca que gênero e sexualidade são construções performativas, sustentadas por repetições normativas que naturalizam a heterossexualidade compulsória e a masculinidade hegemônica. Essa perspectiva teórica fornece um arcabouço importante para compreender não apenas a reprodução das normas de gênero e sexualidade no futebol, mas também as fissuras, resistências e ambiguidades que emergem em práticas cotidianas.

Os artigos analisados dialogam ao revelar como o futebol opera como um dos mais poderosos dispositivos de produção de masculinidade cis-heteronormativa. Por exemplo, em "O choro do capitão", Soares et al. examinam a repercussão midiática do choro de Thiago Silva na Copa de 2014, interpretando-o como uma ruptura simbólica na cadeia normativa da virilidade esportiva. Na ocasião, o jogador foi as lágrimas na derrota da seleção brasileira para o Chile. Como consequência, o capitão da seleção sofreu uma série de críticas, como o choro ser considerado uma fragilidade e demonstrar um comportamento afeminado (Costa, 2014).

Essa leitura se articula com as reflexões de Mendonça et al. em "'Ô bicharada, toma cuidado'", que analisam os cantos homofóbicos das torcidas como pedagogias do ódio, dispositivos discursivos que ensinam o que é permitido ou proibido na performance masculina. Nesse contexto de cantos homofóbicos, faz-se importante mencionar que, infelizmente, essa prática acontece rotineiramente nos estádios brasileiros, principalmente quando o goleiro vai cobrar o tiro de meta. Como exemplo, em 2024 a Sociedade Esportiva Palmeira foi punida pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva por cantos homofóbicos vindo da arquibancada em um jogo contra o São Paulo. Ambos os trabalhos evidenciam como o futebol define os contornos do que se entende por masculinidade legítima, impondo vigilância e punição simbólica a qualquer desvio.

Essas dinâmicas de exclusão não estão restritas ao campo profissional ou à arquibancada, mas também atravessam a formação escolar e os processos pedagógicos. Prados; Ribeiro (2015), em "Educação física escolar, esportes e normalização", demonstram como a educação física funciona como tecnologia de gênero, regulando experiências corporais e marcando sujeitos dissidentes como anormais. Esse achado se conecta à crítica feita por Pereira et al. (2015) em "Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol", que evidencia como crenças morais sobre a homossexualidade alimentam atitudes homofóbicas entre atletas. Em conjunto, esses estudos reforçam que o futebol e o esporte em geral funcionam como arenas de socialização onde se aprendem as fronteiras do gênero e da sexualidade aceitáveis.

Como uma alternativa a se driblar todo esse preconceito sofrido por gays no meio futebolístico, foi inaugurado grupos, que Xavier (2021) chama de "múltiplos futebóis". Esses grupos emergem como uma forma de resistência frente às exclusões sofridas por gays no cenário do futebol. Na perspectiva de Damo (2007), a palavra "múltiplos futebóis" reconhece a variedade do esporte, reconhecendo e validando a diversidade. Especificamente, segundo o autor, ao partir de uma perspectiva de horizontalidade epistemológica para reconhecer uma diversidade política, a expressão "futebóis" foi empregada como estratégia para afirmar a pluralidade e, simultaneamente, distinguir o olhar antropológico da narrativa midiática. (Damo, 2018).

Um exemplo decorrente de “múltiplos futebóis” é a LiGay Nacional de Futebol, que surge como uma iniciativa pioneira no Brasil ao articular clubes compostos majoritariamente por pessoas LGBTQIA+ em torno da prática esportiva, tensionando diretamente os regimes normativos que historicamente excluem e marginalizam corpos dissidentes no futebol. Criada em 2017, a liga organiza competições como a Champions LiGay, reunindo equipes de diversas regiões do país em um esforço coletivo de visibilizar identidades LGBTQIA+ e combater a homofobia estrutural presente no esporte.

Mais do que um torneio, a LiGay representa um espaço político de afirmação identitária e resistência simbólica, em que a performatividade queer se manifesta tanto nos nomes dos times quanto nas estéticas e práticas de sociabilidade que rompem com os códigos tradicionais de masculinidade hegemônica. Assim, ao reivindicar seu lugar no universo futebolístico, a LiGay desafia a pretensa universalidade do futebol “masculino” e heteronormativo,

Ao mesmo tempo e seguindo a tendência de reafirmação, a literatura revisada destaca formas de resistência e rearticulação das normas. No artigo "Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios", Anjos (2021) analisa como torcidas inclusivas subvertem o espaço tradicionalmente hostil das arquibancadas, usando a estética queer como estratégia performativa de contestação. Essa perspectiva encontra eco em "Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!" de Castro e Siqueira (2020), que investigam clubes brasileiros de futebol gay. Esses autores mostram como práticas humorísticas, regras internas e silêncios funcionam como táticas ambíguas de resistência — desafiando a masculinidade hegemônica ao mesmo tempo em que negociam seu pertencimento ao universo futebolístico. Esses trabalhos iluminam a complexidade das estratégias queer: longe de serem puramente disruptivas, elas também lidam com contradições e limites impostos por um sistema que ainda privilegia a norma heterossexual.

A produção cultural emerge como outro campo de batalha importante. Vogel (2022), em "Close certo na telona", mostra como festivais de cinema e documentários como "Soccer Boys" produzem visibilidade para jogadores gays e constroem contra-narrativas que desafiam o armário esportivo. Essa estratégia simbólica se articula com o gesto político do coming out descrito por Camargo em "O armário da sexualidade no mundo esportivo", onde a performance de revelar-se gay em competições LGBT+ tensiona as fronteiras da inteligibilidade sexual. Em ambos os casos, a teoria queer ajuda a compreender como a visibilidade não é neutra, mas uma performance estratégica que redesenha os limites do aceitável no esporte.

Por fim, os artigos de Moioli et al. ("Soccer and homosexuality") e Piedra ("Gays y lesbianas en el deporte") acrescentam complexidade ao debate ao mapear formas mais sutis de homofobia e tensões homoeróticas nas relações entre técnicos e atletas, ainda que nem sempre avancem para uma crítica explícita da norma heteronormativa. Já Gomes e Félix, em "O self no armário", embora discutam o ambiente de trabalho em geral, oferecem uma contribuição valiosa ao mostrar como o silêncio e a ocultação da orientação sexual são estratégias de autopreservação diante de ameaças ao self — algo que também se aplica ao futebol, onde a visibilidade pode significar exclusão.

Em conjunto, esses estudos demonstram que a teoria queer não apenas denuncia os mecanismos de exclusão no futebol, mas também ilumina as formas criativas, ambíguas e por vezes contraditórias de resistência. Eles evidenciam que o futebol, longe de ser um espaço neutro, é um terreno de disputa simbólica onde estão em jogo as fronteiras do gênero, da sexualidade e da própria cidadania. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para pensar políticas de inclusão que não apenas tolerem a diversidade, mas que transformem as normas que a tornam marginal.

Em síntese, os artigos analisados revelam que o futebol brasileiro continua a ser um espaço privilegiado de reprodução da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade, mas também um terreno de disputas, fissuras e resistências. A teoria queer mostrou-se especialmente valiosa para iluminar essas dinâmicas, ao desnaturalizar normas de gênero e sexualidade que estruturam práticas esportivas e ao evidenciar estratégias de contestação que vão do humor performático nos clubes gays à construção de narrativas contra-hegemônicas no cinema.

Ao articular essas diferentes perspectivas, esta revisão destaca tanto a força dos mecanismos de exclusão — manifestos em cantos homofóbicos, pedagogias esportivas e representações midiáticas — quanto as possibilidades de transformação encarnadas por torcidas inclusivas, festivais culturais e práticas organizadas de resistência. Esses achados reforçam a importância de ampliar o debate acadêmico sobre sexualidade no futebol, reconhecendo-o como um campo cultural complexo, marcado por contradições, disputas simbólicas e potências emancipatórias.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a produção acadêmica brasileira sobre homossexualidade no futebol, buscando identificar como a literatura aborda as tensões, os silenciamentos e as formas de resistência que atravessam esse campo esportivo. A revisão integrativa de doze artigos revelou uma paisagem marcada por contradições: ao mesmo tempo em que o futebol se consolida como um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade, surgem fissuras e práticas de contestação que evidenciam a pluralidade de vivências e possibilidades.

Os resultados mostraram que uma parcela significativa dos estudos se concentra em denunciar os dispositivos de exclusão e normalização, como os cantos homofóbicos das torcidas, as pedagogias disciplinares da educação física escolar e os códigos de conduta que inibem expressões de afeto e vulnerabilidade entre homens. Esses trabalhos demonstram como o futebol opera como tecnologia de gênero, produzindo subjetividades alinhadas a um ideal viril e heterossexual. Ao mesmo tempo, a literatura também ilumina estratégias de resistência e ressignificação, desde as torcidas inclusivas e clubes gays até o uso de festivais de cinema como espaços de visibilidade e disputa simbólica.

A análise evidenciou ainda que a teoria queer se consolidou como um referencial teórico central para tensionar essas dinâmicas. Ela se mostrou fundamental para desnaturalizar a masculinidade hegemônica no futebol, revelar as performatividades que sustentam a exclusão e, sobretudo, visibilizar performances dissidentes que desafiam as fronteiras do aceitável. Essa perspectiva crítica permitiu compreender que a homofobia no futebol não é apenas fruto de preconceito individual, mas um elemento estruturante de um sistema normativo que regula quem pode pertencer, competir e liderar nesse campo cultural.

Contudo, a revisão também identificou lacunas importantes, como a concentração pontual de estudos em certos anos e a carência de pesquisas de caráter longitudinal ou comparativo que permitam avaliar mudanças no tempo e em diferentes contextos regionais. Além disso, embora os artigos analisados revelem a diversidade de abordagens e disciplinas interessadas no tema, há ainda necessidade de maior diálogo interdisciplinar que fortaleça a análise crítica e amplie o alcance das proposições teóricas e práticas.

Em suma, os achados desta revisão reforçam a importância de reconhecer o futebol não como um espaço homogêneo e neutro, mas como um terreno de disputa simbólica, onde se jogam as fronteiras da sexualidade, do gênero e da cidadania. Ao mapear a produção acadêmica existente, este artigo contribui para consolidar uma agenda

de pesquisa comprometida com a denúncia das exclusões e com a promoção de um futebol mais plural, inclusivo e democrático.

Referências

- Anderson, E. (2002). Openly gay athletes: Contesting hegemonic masculinity in a homophobic environment. *Gender & Society, 16*(6), 860–877.
<https://doi.org/10.1177/089124302236990>
- Balzano, O. N., & da Silva, G. F. (2018). Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. *RBF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 10*(38), 314–328.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Editora Garamond.
- Borrillo, D. (2020). *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Autêntica.
- Brito, L. T. de. (2021). Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: Disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas, 29*(2), e79307.
<https://doi.org/10.1590/0104-026X2021v29n2e79307>
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Camargo, W. X. de. (2021). Gêneros em disputa: A LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. *Revista Estudos Feministas, 29*(2), e79423.
<https://doi.org/10.1590/0104-026X2021v29n2e79423>
- Carrara, S., & Vianna, A. R. B. (2006). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM).
- Cleland, J. (2015). Discussing homosexuality on association football fan message boards: A changing cultural context. *International Review for the Sociology of Sport, 50*(2), 125–140. <https://doi.org/10.1177/1012690213485714>
- Costa, D. (2014, 1 de julho). *Choro divide especialistas sobre controle emocional da seleção*. O Globo. <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/choro-divide-especialistas-sobre-controle-emocional-da-selecao-13084361>
- Damo, A. S. (2007). *Do dom à profissão*. Hucitec.
- Damo, A. S. (2018). Futebóis: Da horizontalização epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG, 3*(3), 33–66.
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15211>
- DaMatta, R. (1982). *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Pinakotheke.
- Dunning, E. (1999). *Sport matters: Sociological studies of sport, violence and civilisation*. Routledge.

Dunning, E. (1999). The development of soccer as a world game. In E. Dunning (Ed.), *Sport matters: Sociological studies of sport, violence and civilisation* (pp. 103–122). Routledge.

Goellner, S. V. (2005). Entre dores e amores: Mulheres no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2), 81–98. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892005000200007>

Helal, R. (2001). *Passes e impasses: Futebol e cultura de massas no Brasil*. Mauad.

Machado, L. (2018). *Homofobia nas arquibancadas: A construção da masculinidade através do futebol* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo.

Mariano da Silva, F. (2016). Corpos fora de jogo: Futebol e homossexualidade em tempos de conservadorismo. *Revista Estudos Feministas*, 24(2), 547–559. <https://doi.org/10.1590/0104-026X201624020011>

Melo, V. A. de. (2021). *Futebol e sociedade brasileira: Entre a paixão e o preconceito*. Apicuri.

Moura, R. (2003). *O negro no futebol brasileiro* (3a ed.). Mauad X.

Nascimento, J. (2025, 25 de março). *Clubes se manifestam sobre o Dia Nacional do Orgulho Gay*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/clubes-se-manifestam-sobre-o-dia-nacional-do-orgulho-gay/>

Nery, J. W. (2012). *Viagem solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois*. Leya.

Pereira, P. (2019). Entre o grito e o silêncio: Homofobia e futebol no Brasil contemporâneo. *Revista de Estudos e Pesquisas em Educação*, 8(2), 123–139.

Pringle, R. (2020). Theorizing male athletes' bodies in sport: Masculinities, homophobia and the politics of touch. *Men and Masculinities*, 8(2), 159–186. <https://doi.org/10.1177/1097184X20945073>

Sampaio, M. B., & Mota, G. G. V. (2024). Discriminação racial no esporte: O racismo e a legislação do futebol brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(3), 2653–2673.

Toledo, L. M. (2012). *Bicha, viado e baitola: Homofobia no futebol brasileiro* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos.

Willis, T. (2015). Kicking down barriers: Gay footballers, challenging stereotypes and changing attitudes in amateur league play. *Soccer & Society*, 16(2–3), 377–392. <https://doi.org/10.1080/14660970.2014.961379>